



A FORÇA SUTIL DO MÍNIMO

Maria Alejandra Espinosa Moreno

poética do cotidiano percepção
fazer improdutivo afeto

A invenção de uma poética da vida cotidiana carece de tempo. Para encontrar a potência dos detalhes habituais é preciso deter-nos, olhar atentamente e envolver-nos na exploração do que nos cerca. Dedicar tempo às vivências cotidianas desenvolve o afeto por meio do qual coisas aparentemente banais tornam-se significativas, propiciando transformações conscientes no dia a dia.

THE SUBTLE STRENGTH OF THE MINIMUM | The invention of a poetics of everyday life lacks time. We must stop, look closely, and engage in the exploration of what surrounds us, to find the strength of the usual details. Dedicating time to daily experiences develops the affection through which seemingly banal things become meaningful, propitiating conscious transformations in everyday life. | Poetics of everyday, perception, unproductive doing, affection.

Como o último bocado e deixo a colher no prato. Um som insuportável me circunda, afastando-se e aproximando-se até que a mosca pousa na colher e o zumbido cessa. Permaneço fitando o inseto, que fica imóvel, como se estivesse à espera de algum acontecimento. Mexo no cabo da colher catapultando a mosca que sai, disparada, mas logo abre as asas e segue outro rumo. Com emoção, olho para a colher enquanto aguardo o retorno da mosca para catapultá-la mais uma vez. Entre as tantas coisas que há ao redor, a mosca se perde. Apenas o zumbido poderia delatar sua presença, porém no espaço reina um aparente silêncio.

O cotidiano se esvai. Embora seus rastros se espalhem por diversos cantos ocupando até os lugares mais solenes, o cotidiano é fugidio.¹ Perceber as coisas ordinárias é uma tarefa difícil justamente porque elas sempre estão ali, porque sua presença constante torna-se um pano de fundo que disfarça a particularidade daquilo que compõe o dia a dia. Então, muitas vezes a interrupção – o zumbido – é o que nos permite notar o que nos cerca. Contudo, isto não é suficiente. Para ouvir a voz das coisas é necessário parar. Ao nos deter, o brilho sutil do corriqueiro pode nos surpreender.

A descoberta do cotidiano carece de tempo. Ver as coisas como se fosse a primeira vez implica vê-las muitas vezes até as redescobrir. Reparar nos detalhes habituais, descrever suas características e refletir

Maria Alejandra Espinosa, Aberto, série Dia a dia, 2017, fotografia

sobre o modo em que nos relacionamos com eles é o que nos permite vê-los. Como aponta Georges Perec,² precisamos interrogar os objetos, espaços e situações comuns, para despertar a consciência do que vivenciamos. Quando isso acontece é possível achar as variações, ainda que tênues, nas coisas que criamos imutáveis. Assim, a rotina se quebra, e por suas fendas aparecem as nuances que revelam a heterogeneidade do cotidiano. Nesse processo não somente as coisas mudam, senão, ao mesmo tempo, nós nos tornamos mais sensíveis para captar o que temos ao redor.

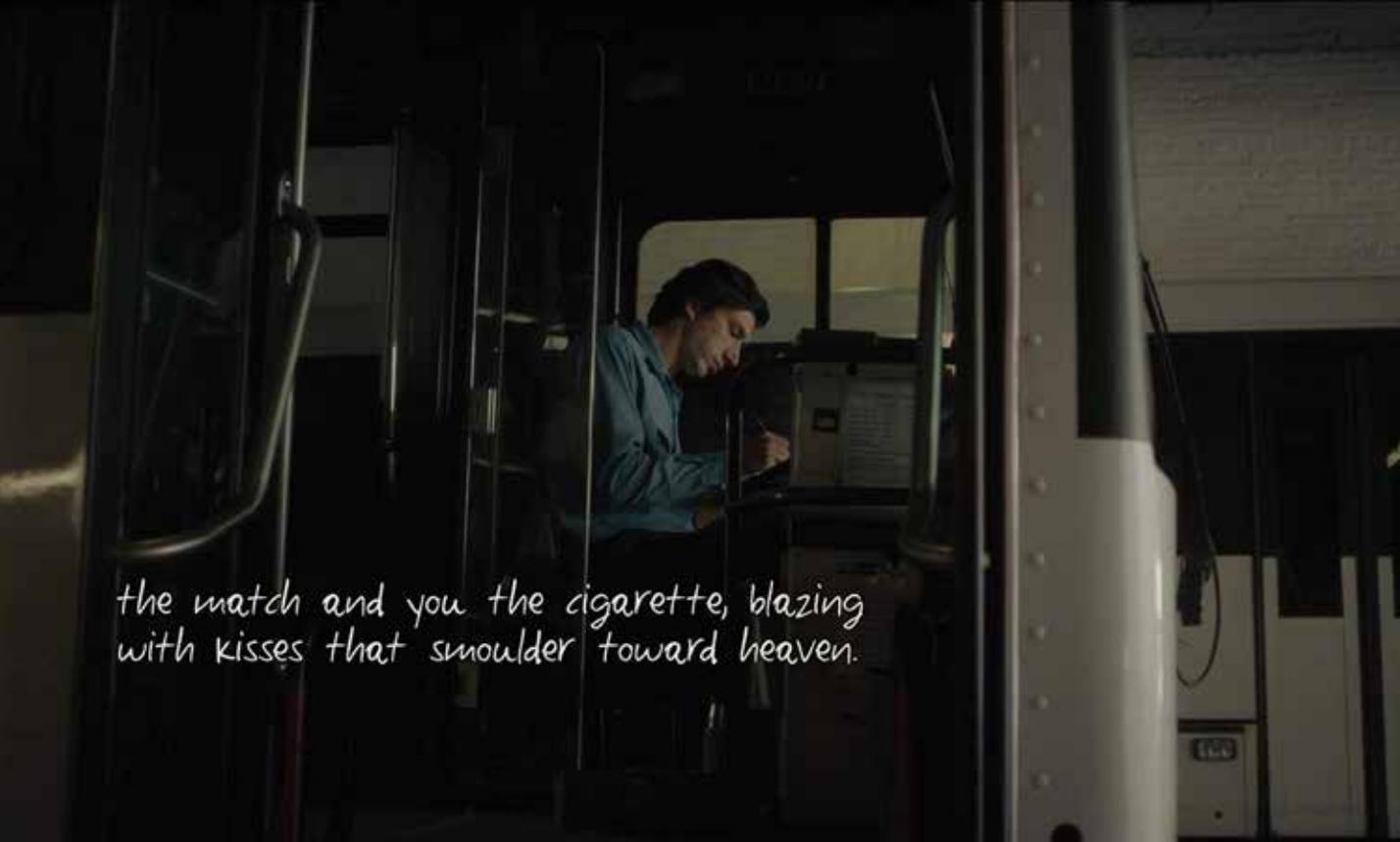
Paterson³ – personagem do filme de igual título – leva uma vida como a de qualquer pessoa: todos os dias acorda, vai trabalhar, janta o que a namorada prepara, passeia o cachorro e frequenta o mesmo bar todas as noites. Em outras palavras, trata-se de uma vida rotineira. No entanto, o filme vai mostrando como os pequenos detalhes rompem com essa suposta estabilidade e modificam a vida do personagem. Ora, Paterson é afetado porque tem a disposição para perceber o que há em torno de si, sendo capaz de captar o que os outros não notam. Além disso, ele não se conforma com ver, mas aproveita essa sensibilidade para criar poesias.

O filme aborda o processo criativo de Paterson, estreitamente vinculado às vivências do dia a dia. Nesse processo a repetição, a espera e os acontecimentos aparentemente banais são a matéria-prima para inventar uma poética do cotidiano. Paterson olha atentamente para uma caixinha de fósforos. Identifica as cores da etiqueta e foca a atenção nas letras cujo tamanho vai aumentando, fazendo da marca do produto uma espécie de megafone para chamar os consumidores. O personagem registra num caderno a descrição detalhada desse objeto ordinário, levando em conta sua experiência e também seu desejo. Após várias

tentativas de escritura, o que inicialmente era só uma listagem das características de um produto, desemboca num poema de amor. O percurso não é rápido, pois para chegar a essa criação literária Paterson precisa entrar em contato com a caixa de fósforos, reconhecer suas particularidades, lembrar as situações vivenciadas com esse artigo, inventar ligações entre os fósforos e outras coisas, entregar-se à fabulação e fazer da escrita uma prática constante. Apesar disso, o filme mostra como esse processo de criação é assumido como um hábito que resulta prazeroso e como a poesia faz parte do cotidiano.

A exaltação da poesia dentro do filme não se limita a apresentar os poemas que *Paterson* escreve e a citar alguns autores renomados que o personagem costuma ler; desdobra-se propondo um ambiente em que o poético pode nascer das coisas mais simples e pode pertencer a todos. Longe de ser um herói ou um poeta escandaloso, o personagem de Paterson é um homem comum que se dedica a viver a vida e que, por isso mesmo, poderia ser qualquer pessoa. Assim, Paterson enfatiza, na sensibilidade que cada um de nós pode desenvolver para captar as coisas habituais que antes não percebíamos, coisas que graças ao nosso olhar ganham um novo significado.

O olhar atento é o riscar do fósforo que acende o afeto com os objetos e espaços cotidianos. Para que a flama permaneça acesa, porém, é preciso mantermos o contato consciente com essas coisas, dedicar tempo à exploração de suas possibilidades para além do utilitarismo e, finalmente, incorporá-las à vida diária. Portanto, é preciso lembrar que a capacidade para enxergar o mínimo da cotidianidade não se restringe à percepção óptica, mas se constrói a partir de distintos estímulos sensoriais que se conjugam com a memória e a imaginação. Nesse sentido, ver não é uma atividade passiva.



*the match and you the cigarette, blazing
with kisses that smoulder toward heaven.*

Fotograma do filme *Paterson*, de Jim Jarmusch

Pelo contrário, ao observar com atenção, o corpo age e se prolonga em pensamento.

O corpo apropria aquilo que vê, apalpa, ouve, cheira, degusta, e assim vai construindo uma visão do mundo. Tal apropriação não é uma relação de dominação das coisas, mas um reconhecimento delas que permite conhecer também a própria dimensão corporal. É o corpo que possibilita o contato com os outros, já que participa das relações íntimas, sociais e políticas que constituem a vida cotidiana.

Os fios de cabelo que caem da minha cabeça refletem a passagem do tempo que afeta meu corpo e que incide nas atividades cotidianas. Alguns fios vão parar no ralo ou no chão; outros tantos ficam prendidos no pente; outros mais sutis e isolados

se ocultam entre as roupas. O cabelo possui múltiplos significados que abrangem desde sua função biológica (proteger do sol, do vento, do frio, das picadas de insetos) até o que representa hoje nas culturas ocidentalizadas. O cabelo é associado com a beleza que, na sociedade de consumo, somente se obtém mediante o trabalho, ou seja, investindo tempo e dinheiro na manutenção de uma cabeleira esplendorosa. Entretanto, nenhum esforço consegue deter a queda diária dos fios de cabelo que corrobora nossa condição de seres mortais. Sendo assim, a queda de cabelo pode ser interpretada como sinônimo de envelhecimento, doença e morte. Porém, também pode ser compreendida como a possibilidade de renovação inerente ao ciclo vital: uns cabelos morrem e caem, para permitir que outros nasçam.

Na correria do dia a dia, um fio de cabelo solto fica na invisibilidade. Aos poucos, vários fios se acumulam tornando-se visíveis e incômodos. Posto que o ralo costuma ser um dos locais onde comumente acabam os cabelos mortos, e os ralos se associam com resíduos e sujeira, o encontro com os cabelos caídos muitas vezes causa repugnância. Em contraposição a essa aversão, os fios de cabelo têm sido usados na criação, por exemplo para fazer bordados. Também há outras práticas ligadas puramente à intimidade, ao afeto e à memória como o ato de guardar tufo de cabelo de um ente querido para preservar sua presença.

Não obstante a inserção dos cabelos no esquema de produção e consumo – evidente na crescente quantidade de produtos para cuidar dos cabelos ou para tentar recuperá-los –, os fios de cabelo soltos pertencem ao universo do improdutivo, do que não tem serventia e que, portanto, deve ser descartado. Indo contra o pragmatismo que desconsidera as coisas simples da vida cotidiana, Julio Cortázar⁴ propõe um jogo com um fio de cabelo, cujo propósito é perder tempo ou, em todo caso, empregar o tempo brincando. O procedimento consiste em arrancar um cabelo da própria cabeça, fazer-lhe um nó justo no meio e jogá-lo no ralo da pia. Se o fio não some, deve-se abrir a torneira e deixar a água fluir até que o fio seja sugado pelo cano. O jogo consiste na recuperação desse fio de cabelo, começando por desmontar o sifão da pia para ver se ele ficou aí. Caso o cabelo não esteja no sifão, será preciso procurá-lo na tubulação. Nesse ponto a brincadeira envolverá mais pessoas que colaborem na labuta de achar o fio de cabelo com o nó no meio, entre as madeixas que haverá ali. O jogo pode atingir proporções desmedidas que vão desde romper o encanamento do prédio inteiro (o que implicaria ter que comprar todos os apartamentos vizinhos, contraindo uma dívida

incalculável) até empreender a arriscada busca do fio pelos esgotos da cidade, prolongando a tarefa por muitos anos.

Cortázar reivindica a inutilidade como ato de resistência diante de um sistema em que tudo deve ser rentável. Também destaca a capacidade de fabulação ligada à incerteza, já que o jogo é possível porque não sabemos o que irá acontecer, ou seja, se o fio de cabelo vai aparecer logo ou se será necessário perder muito tempo nesse procedimento infindo. É curioso pensar o que a “recuperação do cabelo” abarca nesse contexto, em que o personagem pode chegar a perder muitos cabelos enquanto procura esse fio de cabelo singular que somente pode ser identificado por um detalhe aparentemente insignificante que diferencia esse pelo dos demais: o nó, feito por mãos humanas, no meio do fio.

A ficção proposta por Cortázar induz a refletir sobre quanto tempo dedicamos a olhar para o cotidiano. Estamos tão ocupados trabalhando para ganhar a vida, que não temos tempo para viver a vida. Talvez perdendo tempo possamos ir ao encontro das nossas próprias vivências.

Perco tempo juntando os fios de cabelo que dia após dia se desprendem da minha cabeça. Convivendo com esses fios soltos percebo as sutis diferenças que não me era possível notar quando eles ainda pertenciam ao meu corpo: alguns são mais grossos e resistentes, e outros mais finos; alguns de cor mais escura; outros mais compridos. Desligados da cabeleira e, por isso mesmo, livres da obrigação de ser úteis, os fios parecem adquirir vida própria. Nessa liberdade, alguns escapam das minhas mãos e fogem pelo ralo da pia. Sem pretender recuperá-los, fico olhando para o ralo.

Na imaginação, o tamanho do esquadro aumenta, tornando-o um buraco negro que ameaça



Maria Alejandra Espinosa, still de Cotidiano, 2018, vídeo com som, disponível em: <<https://vimeo.com/266551476>>

tragar o que há em torno dele. A cada fio de cabelo que consome, seu apetite é mais voraz. Quem sabe se, porventura, o excesso provoque mal-estar nele e o faça regurgitar um rio de cabelos. O som da água correndo me tira desse devaneio, mas me instiga a explorar as relações entre os fios de cabelo, a água e aquele buraco negro.

Com meus fios de cabelo desenho circunferências ao redor do sumidouro, no intento de expandir a boca insaciável da pia que poderia inclusive devorar a si mesma. Tal tentativa de ampliação demora pois alguns fios se opõem à ordem. As junções entre os fios ficam tortas, originando círculos

imperfeitos que se repetem. Realizando a ação repetitiva de dispor os fios de cabelo encadeados que, por sua vez, repetem a forma circular do bueiro da pia, noto que a repetição comporta variações. A estrutura da pia põe um limite à expansão circular ocasionando sobreposições de alguns fios e gerando uma confusão entre os círculos, fato que me leva a parar. Ligo a câmera. Abro a torneira e espero.

Progressivamente a água rompe as ligações entre os fios e vai apagando meu desenho. Por um momento os círculos mais externos resistem, mas a teimosia da correnteza acaba por seduzir os fios

que se deixam arrastar pelo fluxo. A voracidade da fabulação se desconstrói ao ver a lentidão com que o ralo vai engolindo os fios que a água lhe oferece. Assim que o escoadouro satisfaz sua fome com os restos advindos do meu corpo, para de engolir, deixando também alguns resíduos que ficam no meio da pia como testemunhas da improdutividade do meu labor. O registro em vídeo permite que a ação comece de novo e que se prolongue indefinidamente, graças à reprodução em *loop*.

Boris Groys⁵ se interessa pela arte que aborda esse tempo aparentemente desperdiçado, um tempo prolongado associado à repetição, que se contrapõe à aceleração característica da vida nas urbes contemporâneas. Groys sugere assumirmos esse tempo como excessivo e não como perdido. Isso supõe termos tempo para observar o que acontece, para duvidar, questionar e pensar devagar. Sendo assim, a arte que captura e exhibe esse tempo excessivo inerente às atividades improdutivas possibilita a reflexão sobre as vivências cotidianas, sobre a própria experiência do tempo e sobre nós mesmos. Em sintonia com os argumentos de Groys, o vídeo Cotidiano é uma exploração da passagem do tempo que parece perder-se como os cabelos absorvidos pelo ralo, mas que se expande para nos permitir enxergar o que se passa no dia a dia. Dispondo de tempo é possível se envolver com as coisas corriqueiras, gerando um engajamento com as vivências próprias.

O fio de cabelo se converte em provocação para entrar em contato com outros olhares. Afinal, a perda de cabelo é um acontecimento habitual que todos nós experimentamos. Então, os fios de cabelo são tão comuns, que fazem parte do cotidiano de todo mundo. Ainda assim, a percepção dos cabelos é diferente para cada um, pois cada pessoa tem vivências, desejos e medos particula-

res. E são essas subjetividades as que enriquecem a construção do comum.

Para estabelecer esse contato com os outros, criei uma situação que pudesse despertar a atenção para enxergar os detalhes do dia a dia. Segundo Luciano Vinhosa, o problema que se coloca nesse tipo de ações é “recuperar o sujeito para a experiência com o mundo e, conseqüentemente, devolver a ele seu espaço de ação política”.⁶ Dessa maneira, o desafio vai além de suscitar a observação atenta. O que interessa é que essa sensibilidade para captar as coisas habituais permita reconhecer os problemas que vivenciamos diariamente, e desencadeie modificações conscientes na vida cotidiana. Consciente desse grande desafio, me aventurei na tentativa de “recuperação do sujeito”, por meio de uma situação que consiste na distribuição de amostras grátis de cotidianidade na cidade do Rio de Janeiro. A *amostra grátis* compõe-se de um saquinho de papel com uma etiqueta e em cujo interior há um fio de cabelo. A etiqueta não contém nenhuma publicidade, apenas a imagem de um prato de sopa, a frase “O banal pode tornar-se significativo”, e um endereço de e-mail.

Nos percursos cotidianos pelo Centro da cidade me deparei com uma cabeça de vidro que vestia uma peruca, cabeça sem corpo que estava na vitrina de uma loja localizada na rua Sete de Setembro. Observei que nessa rua existem diversas lojas que comercializam cabelos e produtos relacionados com o cuidado da cabeleira. Curiosamente, além de mechas e perucas, nessa rua também há vários restaurantes. Me pareceu engraçado, pois ninguém gosta de cabelos na sopa. Entretanto, algumas coisas somente são captadas quando há alterações no contexto, por exemplo, quando o fio de cabelo aparece no prato de comida. O deslocamento muitas vezes



Maria Alejandra Espinosa, Amostra grátis, 2019, objeto para distribuir na rua, 6,6cm x 11,2cm

nos ajuda a ver aquilo que pertence ao cotidiano, mas que não percebemos.

Considerando essas características da rua Sete de Setembro, realizei ali a ação de distribuição das amostras grátis. Ao meio-dia – horário de maior circulação das pessoas que frequentam os restaurantes desse setor – me situei ao lado da vitrina de uma das tantas lojas de cabelos para oferecer as amostras aos transeuntes. Contudo, por conta do calor do verão e das férias, havia pouca gente. A maioria das pessoas aceitou a amostra, manifes-

tando agradecimento. Todavia, algumas pessoas recusaram, reação compreensível frente à atordoante saturação de publicidades que nos cerca nos espaços públicos e até nos privados. Outras pessoas duvidavam e perguntavam de que se tratava antes de decidir se receberiam a amostra ou não.

Muitas das pessoas que receberam a amostra grátis não a abriram na hora para ver o conteúdo, mas, ao olhar para a etiqueta, manifestavam estranhamento. Subvertendo o sentido das amostras grátis que empregam imagens es-



Maria Alejandra Espinosa. Amostra grátis, 2019, ação, registro disponível em: <<https://vimeo.com/316199425>>

petaculares com o propósito de captar clientes para produtos novos ou com um novo visual, a amostra entregue aos passantes não persegue nenhum fim comercial, gerando inquietação nas pessoas. Logo, trata-se de um objeto singular que anula toda possibilidade de transação comercial. O estranhamento é um procedimento de sensibilização, empregado no campo da performance para desestabilizar no mesmo instante de contato com aquilo que achávamos familiar, mas que de repente apresenta facetas desconhecidas. A instabilidade conduz ao questionamento.

Um pouco de pessoas, com curiosidade, abriram o saquinho da amostra assim que a receberam. Ao ver o fio de cabelo, uma pessoa me perguntou: “é para fazer o quê?”. Eu respondi que poderia fazer o que quisesse, mas ela continuava procurando uma resposta mais esclarecedora. A ideia de que tudo deve ser útil está tão arraigada na nossa cultura, que perdemos a capacidade de descobrir a força sutil das coisas simples. Tal potência transcende o âmbito mercantil para conceder importância ao afetivo, atingindo a sensibilidade mais do que o pragmatismo. Me surpreendi quando

outra pessoa me perguntou: “Qual é a finalidade do trabalho? É poético?”. Fiquei pensando nessa estranha associação entre o trabalho e o poético, pois enquanto o primeiro implica utilidade, o poético escapa a toda imposição produtiva. Portanto, a invenção de uma poética da vida cotidiana supõe dedicar tempo a viver a própria vida cotidiana, sem esperar obter algum lucro com isso. Quebrar com a expectativa de alcançar ganhos nos liberta da obrigação de obter resultados concretos, permitindo focar a atenção no processo, ou seja, no andamento da própria vida.

Retomando o questionamento levantado por Vinhosa, concluo que a participação ativa nos acontecimentos habituais é o que pode devolver a cada um “seu espaço de ação política”, pois a consciência das vivências está ligada à reflexão crítica que conduz à transformação. Ora, quando um sujeito participa de uma transformação coletiva, compromete-se ainda mais com si mesmo. Por conseguinte, ser partícipe da transformação pessoal e coletiva se constitui num ato político, assim como num ato afetivo. Sendo assim, o engajamento com a própria vida não pode ser imposto, mas precisa da participação livre e consciente.

Entretanto, o cotidiano prossegue criando armadilhas para nos seduzir, porém é preciso termos a disposição para perceber seus gestos sutis, pois eles não são chama, são faísca. Portanto, para transformar o cotidiano é necessário aprender a ver e ainda a ouvir e tocar, e, finalmente, arriscar-nos a inventar a própria vida cotidiana.

NOTAS

1 Segundo Blanchot, o cotidiano escapa. Paradoxalmente, o cotidiano é aquilo que temos em excesso e que ao mesmo tempo é inapreensível.

Blanchot, Maurice. *El diálogo inconcluso*. Trad. Pierre de Place. Caracas: Monte Ávila Editores, 1974: 387.

2 Percec, Georges. *Lo infraordinario*. Trad. Jorge Fondebrider. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2013.

3 Paterson. Direção: Jim Jarmusch. Estados Unidos, França, Alemanha. 2016. 118 min, som Dolby digital, cor, digital.

4 Cortázar, Julio. Pérdida y recuperación del pelo. In: *Historias de cronopios y de famas*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2000: 20-21.

5 Groy desenvolve a noção de *time-based art*, defendendo que esta seria uma arte verdadeiramente contemporânea, posto que “transforma a escassez de tempo em excesso de tempo” apresentando os processos mais do que um resultado. Groy, Boris. Camaradas del tiempo. In: *Volverse público: las transformaciones del arte en el ágora contemporánea*. Trad. Paola Cortes Rocca. Buenos Aires: Caja Negra, 2014, p. 83-100.

6 Vinhosa, Luciano. *Obra de arte e experiência estética: arte contemporânea em questões*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011: 98.

Recebido em: 09/05/2019

Aceito em: 01/07/2019

Maria Alejandra Espinosa Moreno é artista e pesquisadora. Professora no Departamento de Artes e Humanidades da Universidad del Tolima, Colômbia; doutora em artes visuais (Poéticas Interdisciplinares pelo PPGAV – EBA da Universidade Federal do Rio de Janeiro); mestra em artes pelo PPGArtes – EBA da Universidade Federal de Minas Gerais e realizadora de cinema e televisão pela Universidad Nacional de Colombia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1791-3749>